

# CAPITAL TRANSNACIONAL E OS DIREITOS DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

Sugestões para reflexão e investigações de apoio (\*)

Carlos Alberto Ricardo

O que fiz foi dar uma rastreada na bibliografia, em periódicos e em relatórios recentes (não publicados) a respeito da situação das áreas indígenas, para os últimos 20 anos. Não foi uma pesquisa exaustiva mas o suficiente para indicar algumas questões e sugerir caminhos de investigação.

A preocupação foi identificar quais as modalidades de intervenção das transnacionais que afetam os direitos dos povos indígenas no Brasil. Esses direitos estão basicamente estabelecidos pelo Estatuto do Índio (1) e pelas reivindicações concretas colocadas pela luta de povos indígenas particulares, algumas vezes sugerindo uma ampliação dos direitos legalmente definidos atualmente. Trata-se de uma perspectiva de investigação para apoiar as lutas que esses povos têm empreendido na tentativa de garantir e recuperar seus territórios, sua soberania e auto-determinação. Nessas lutas, entre outras coisas, tem sido revelado eficaz politicamente a identificação do envolvimento das transnacionais como agentes danosos. A revelação dos fios condutores que ligam uma pequena aldeia de um povo indígena dos confins da Amazônia aos grandes centros do capital transnacional, quase sempre passando por espessas mediações com o capital nacional e o Estado, solda um verdadeiro "lobby" formado por extensa rede de entidades nacionais e internacionais de apoio às lutas indígenas. Ou seja, para essa tal rede de apoio faz diferença encontrar os efeitos das transnacionais sobre os direitos indígenas. Apesar disso há muito pouca investigação a respeito.

E para os próprios povos indígenas, faz diferença? Qualquer resposta a perguntas feitas com relação aos povos indígenas no Brasil de hoje é extremamente difícil de ser respondida. Dispersos por todo o território nacional, com concentração na chamada Amazônia Legal, apresentam grande variabilidade tanto nos seus modos de ser (por exemplo, há cerca de 150 povos falando 100 línguas diferentes) como pelas situações concretas que enfrentam na relação com a sociedade nacional. Mas a importância política dessa pergunta remete não só a investigações futuras e localizadas, como também à elaboração de material didático de apoio para que pelo menos as lideranças indígenas de alguns povos afetados pelas transnacionais possam avaliar o problema.

Dado o caráter ainda pouco articulado das idéias contidas nesse texto optei por apresentar as tais questões e sugestões enumerando-as:

1. Na organização do próprio temário dessa consulta a relação transnacionais-índios aparece juntamente com a questão agrária. No entanto uma avaliação ainda superficial da questão aponta em outra direção: dentre as modalidades de intervenção das transnacionais com efeitos danosos aos direitos dos povos indígenas os projetos de mineração são mais significativos.
2. A associação transnacionais-índios-questão agrária certamente está baseada no fato bastante conhecido de que recentemente no Brasil, grandes empresas transnacionais de base urbano industrial tenham investido parte de seus excedentes na compra de terras, especialmente na Amazônia. É importante frisar que a compra de terras é apenas uma das distintas for-

mas de presença das transnacionais na agricultura .

3. As modalidades de intervenção das transnacionais (das corporações e/ou dos capitais) nos direitos dos povos indígenas no Brasil seriam as seguintes :

(a) projetos de mineração em territórios indígenas : pesquisa , lavra e transporte de minérios para comercialização . Essa modalidade é a mais frequente e mais significativa economicamente . Do ponto de vista político esse dado tem sido mais relevante no exterior, a partir dos trabalhos de pesquisa realizados pelo antropólogo norteamericano Shelton Davis (ver a esse respeito Vítimas do Milagre, Zahar, Rio, 1978). No entanto, mesmo as pesquisas de Davis desvendam pouco e por isso apresentam poucas evidências, as maneiras pelas quais as transnacionais se implantam nesse setor, em múltiplas combinações com o Estado e empresas nacionais, metamorfoseando sua identidade . Isso dificulta a investigação e coloca duas questões : quais os caminhos metodológicos e as fontes a serem pesquisadas ?

(B) projetos de extração vegetal em áreas indígenas : contratos de risco para extração de madeira ; crescente controle do mercado de certas matérias primas vegetais, também extraídas de áreas indígenas .

(c) apropriação de grandes glebas de terra, com exclusividade ou associadas a grupos nacionais, contíguas às áreas indígenas gerando : conflitos por presunção de posse tanto com índios quanto com posseiros, por exemplo, muitas vezes jogando uns contra os outros.

(d) financiamento a projetos estatais e/ou privados que afetem direta ou indiretamente áreas indígenas, como por exemplo estradas, hidroelétricas e outros .

(e) produção de implementos (insumos?) agrícolas prejudiciais à ecologia e à saúde nas áreas indígenas, como por exemplo os desfolhantes químicos (agente laranja e Tordon) bastante utilizados pelos grandes projetos agro-pecuários e madeireiros na Amazônia .

(f) utilização de populações indígenas como cobaias para experiências com medicamentos.

(g) utilização da imagem do índio para campanhas publicitárias .

4. A respeito das modalidades mencionadas acima há várias evidências (ver anexo), mas sobretudo suspeitas pouco comprovadas . O importante é ressaltar que a presença das transnacionais no Brasil e sua relação com os direitos dos índios só ganhará a relevância política que sua proporção econômica merece na medida em que essas próprias relações ganhem visibilidade . De nada adianta, nesse caso - como de resto na relação com os outros setores sociais no Brasil - insistir apenas no caráter geral e estrutural da presença do capital transnacional na economia do país .

\*\*\*\*\*

(\*) Texto elaborado para discussão entre os participantes da Consulta Latinoamericana sobre Corporações Transnacionais - Painel IV : O Capital Transnacional e os Movimentos Populares Urbano e Rural - patrocinada pelo Conselho Mundial de Igrejas/CESE em Itaipu-SP , outubro de 1980 . Não pode ser reproduzido sem autorização do autor .

NOTAS : (1) Lei 6.001 de 19/dez/1973 . "Esta lei regula a situação jurídica dos índios ou silvícolas e das comunidades indígenas, com o propósito de preservar a sua cultura e integrá-los, progressiva e harmoniosamente, à comunhão nacional", diz o artigo 1º . Baseada na contradição preservar/integrar, essa legislação tem um caráter protecionista provisório . Considera "os índios" como relativamente incapazes, confere ao Estado (União) a obrigação de tutelá-los garantindo-lhes, entre outras coisas, "a posse permanente das terras que habitam e o direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades naquelas terras existentes" (artigo 22) .

FONTES CONSULTADAS :

1. DAVIS, Shelton : Vítimas do Milagre. O desenvolvimento e os índios do Brasil.  
Zahar, Rio, 1978 .
2. INDIGENA, INC. and AMERICAN FRIENDS OF BRAZIL : Supysáua. A documentary report on the Conditions of Indian People in Brasil .  
Berkeley, november, 1974 .
3. CARELLI, Vincent e SEVERIANO, MILton : Mão Branca Contra o Povo Cinza. Vamos matar esse índio ? Brasil Debates, SP, 1980 .
4. recortes dos principais periódicos do país para o período 1968/80. Arquivo do CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) .

\*\*\*\*\*

ANEXO

- Alguns casos concretos/numerados :
1. Oiampi/ICOMI no Amapá
  2. SURUI/CINTA LARGA na Rondônia
  3. NAMBIKUARA na Rondônia
  4. TUPINIQUIM/ARACRUZ CELULOSE no Espírito Santo

Quadro "A Invasão do Território dos Índios"(Opinião nº 128, 18/4/75)  
Mapa dos povos indígenas no Brasil (S. Davis)  
Mapa dos projetos de mineração (Davis)

Caso 1: Oiampi - ICOMI (Amapá)

Em 1970 a CPRM (Cia de Pesquisas e Recursos Minerais) e a ICOMI (Bethlehem Steel Co.) iniciaram levantamento geológico na bacia do rio Cuc, abrindo campo de pouso cerca da área de um grupo Oiampi. Continuando a pesquisa no alto Jari usaram os índios para construção de campo de pouso e outros serviços de infra-estrutura local. Com acordo da FAB os índios foram transferidos por helicópteros para Molokopote. Em 71 a CPRM e ICOMI saíram da área indígena e permaneceu a FAB. As pesquisa constinuaram até 74 e a ICOMI instalou-se numa área contínua a área dos Oiampi (informações contidas no relatório que a antropóloga Dominique Gallois da USP enviou à FUNAI, processo BSB-3745/79). Talvez a reserva indígena Oiampi seja também uma reserva mineral para o futuro.

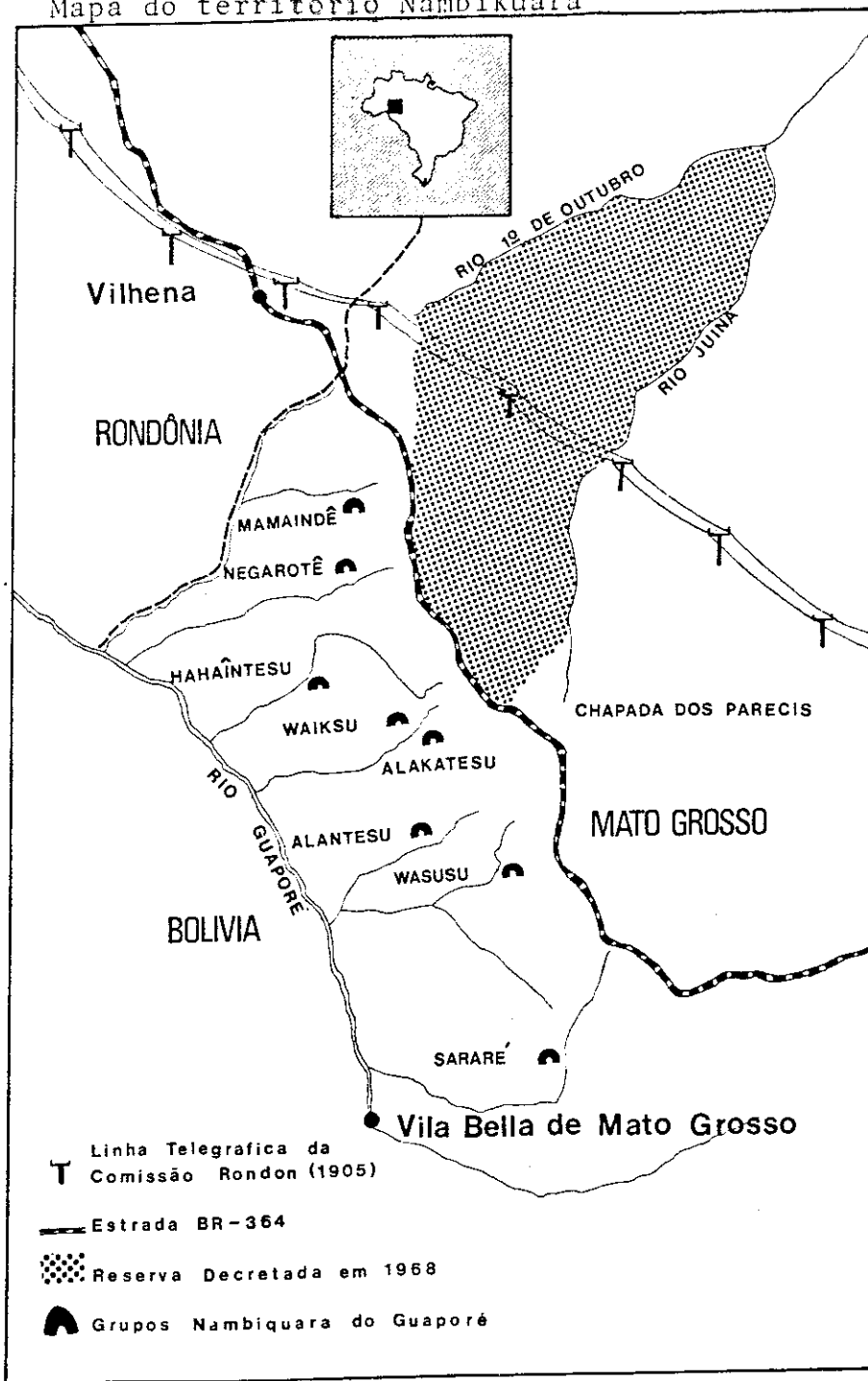
Caso 2: Suruí/Cinta-Larga. O Parque Aripuanã em Rondônia.

Cirado em 1968 o Parque Aripuanã tem sido uma das áreas mais conflituadas dos últimos anos. A catástrofe que se abateu sobre os povos indígenas dessa região está resumida no livro de Shelton Davis já citado, às páginas 105 a 117. Gostaria apenas de citar alguns trechos para colocar em evidência a questão das grandes cias. de mineração.

"Ao longo dos últimos anos da década de 60, começaram a se acumular provas de que grandes depósitos de cassiterita...haviam sido descobertos no Território de Rondônia. (...) Grandes companhias internacionais haviam instalado modernas operações de mineração mecanizada na Rondônia, e aos poucos estavam tornando o Brasil auto-suficiente em estanho. (108-109)

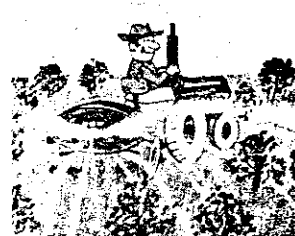
Em novembro de 72 o médico frances Jean Chiappino, que passara vários meses entre os Suruí e Cinta-Larga, divulgou relatório assinalando que "sete companhias desenvolviam atividades de exploração mineral no Parque Indígena Aripuanã, lançando uma ameaça crítica, dos pontos de vista social e médico, à tribo mais numerosa, os Cinta-Larga. As sete companhias mencionadas por Chiappino eram a Mineração São Marcos Ltda., Companhia Espírito Santo de Mineração (CESMI), Sociedade de Mineração Atlântico (SOMINA), Mineração Vale do Madeira Ltda. (MIVALE), Mineração Vale do Roosevelt, Companhia Estanhífera do Brasil (CESBRA) e Mineração Alcione." (114) Cinco dessas companhias estavam ligadas à CESBRA, por sua vez ligada ao grupo Patiño, e exploravam minério na área com autorização da FUNAI.

Mapa do território Nambikuara

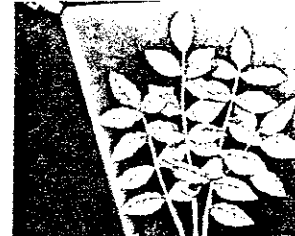


Caso 3 : Nambikuara ( Rondônia )

Cadê o mato que estava aqui? Tordon\*101 BR matou.



Aplicação total



Aplicação foliar



Aplicação em anéis



Aplicação dirigida



Aplicação no toco

**Método de aplicação de Tordon\*101 BR.**  
Em áreas densamente povoadas de ervas daninhas, usar uma aplicação total. Quando as plantas daninhas estiverem circunscritas a pequenas áreas ou reboleiras, fazer uma aplicação dirigida (catação).

A aplicação foliar deve ser realizada quando as plantas daninhas estiverem crescendo ativamente. Aplicar o herbicida molhando bem toda a folhagem da planta.  
Aplicação no toco - Este método consiste em cortar o tronco da árvore ou dos arbustos o mais rente possível do solo. Imediatamente,

pulverizar a área do corte com o herbicida até o ponto de escorrimento. Sempre que possível, rachar os tocos verticalmente antes de pulveriza-los; isto servirá para uma ação e um aproveitamento maiores do herbicida na planta.  
Aplicação em anéis antes do corte ou incisões - Fazer um anelamento na planta na altura de 30 ou 40 cm do solo e aplicar o herbicida até o ponto de escorrimento, logo após o corte.



Apresentação: Tordon\* 101 BR Balde de 30 litros

Anúncio de Tordon-101 feito em 1979

Laranja na guerra do Vietnã. O agente havia sido jogado de avião para desmatar a área. E só deixaria de ser usado em 77, com sua proibição oficial.

Em lugar do perigosíssimo Tordon 155-BR, passaram a usar o muito perigoso Tordon 101-BR. Ficaram freqüentes também as epidemias de disenteria causada pela contaminação dos rios.

Nas aldeias do Sararé, os bosques de mangabeiras foram destruídos certo dia por uma ventania, que arrastou nuvens de Tordon 155-BR — poderoso desfolhante produzido pela Dow Química, famoso como Agente



Caso 4 : Tupiniquim / Aracruz Celulose ( Espírito Santo )

## INDIOS CONTRA MULTINACIONAL

Desde os tempos coloniais as terras habitadas pelos Tupinikin foram objetos de doações legalmente sancionadas pelos colonizadores portugueses. Doações confirmadas posteriormente pela imperial majestade D Pedroll.

Todavia, as garantias de documentos históricos foram jogadas no lixo e simplesmente ignoradas. O governo capixaba, em pleno século XX, considera como terra devoluta a área dos Tupinikin e começa a repassar quase gratuitamente para as empresas privadas.

Na década de 60, com a chegada da multinacional Aracruz Florestal o calvário dos Tupinikin e Guarani está armado e selado o destino de suas terras. Rapidamente 40.000 ha passam a constituir o patrimônio da multinacional que amassa com tratores as aldeias indígenas.

A reação tarda mas não falha. Expulsos de suas terras, espremidos numa área ínfima e estéril, forçados a trabalhar como mão-de-obra barata na Aracruz, os Tupinikin e Guarani, com os documentos históricos na mão, ocuparam 120 ha. Essa área "pertencia" à Santa Cruz Urbanizadora S.A., subsidiária da Aracruz.

Em 1979, a FUNAI, como só mexe seus paquidêrmicos órgãos quando os índios começam um conflito aberto ou potencial, constituiu um grupo de trabalho para levantamento da área indígena, tendo sido con-

siderado as seguintes áreas Caieiras Velhas (2.700 ha), Pau Brasil (1.500 ha) e Comboios (2.300 ha).

No mês de novembro de 79 é assinada a Portaria Ministerial nº. 609/N declarando as áreas sugeridas pelo grupo de trabalho como de ocupação indígena. Depois, um silêncio sepulcral. Nada mais foi feito. Ficaram cozinhando em banho maria a paciência dos Tupinikin.

Um chefe da Aracruz, "doutor" Ovidio, declarou ao cacique Tupinikin e ao chefe de posto da FUNAI: — "A empresa não reconhece os Tupinikin e Guarani como índios bem como não reconhece a autoridade da FUNAI na área".

Aí o "doutor" xingou até um órgão do governo. Uma evidente indisciplina como poderia dizer o cel. Nobre da Veiga.

Depois de avisar o governo, dando o prazo até julho para a FUNAI demarcar as suas terras, os Tupinikin e Guarani puseram mãos à obra, abrindo uma picada e derrubando um quilômetro de pinheiros pertencentes à Aracruz.

Agora, em meados de julho, concluíram a demarcação das suas terras. Esta foi uma verdadeira vitória dos povos indígenas contra uma multinacional. Esta vitória precisa ser garantida contra as agressões e as tentativas de reapropriação que porventura a multinacional Aracruz venha lançar mão.

## V. OUTROS PROJETOS

Wycliffe Bible Translators/Summer Institute of Linguistics (Santa Ana, California): 190 missionários entre 36 grupos tribais; contratos com o ministro do Interior do Brasil, Funai e Museu Nacional do Índio

New Tribes Mission (Woodworth, Wisconsin): amplo programa missionário entre as tribos brasileiras; gráfica; treinamento de missionários brasileiros

International Police Academy (Washington, D.C.): treinamento da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, que está encarregada da Guarda Indígena Rural do Brasil e do Campo de Prisioneiros Indígenas em Crenaque, Minas Gerais

Centro de Instrução de Guerra na Selva: pedaço de floresta virgem de 640 km<sup>2</sup>, no coração da Amazônia, perto de Manaus, criado pelo Exército brasileiro e conselheiros norte-americanos, tomando como modelo a US Army's Jungle Warfare Training Center, em Fort Sherman, na zona do canal do Panamá

Amazon Explorers (Parlin, New Jersey), Booth American Shipping Corporation (New York), Lindblad Travel, Inc. (New York): Viagens "Inferno Verde" pela área amazônica, com atenção especial para viagens por aldeias indígenas

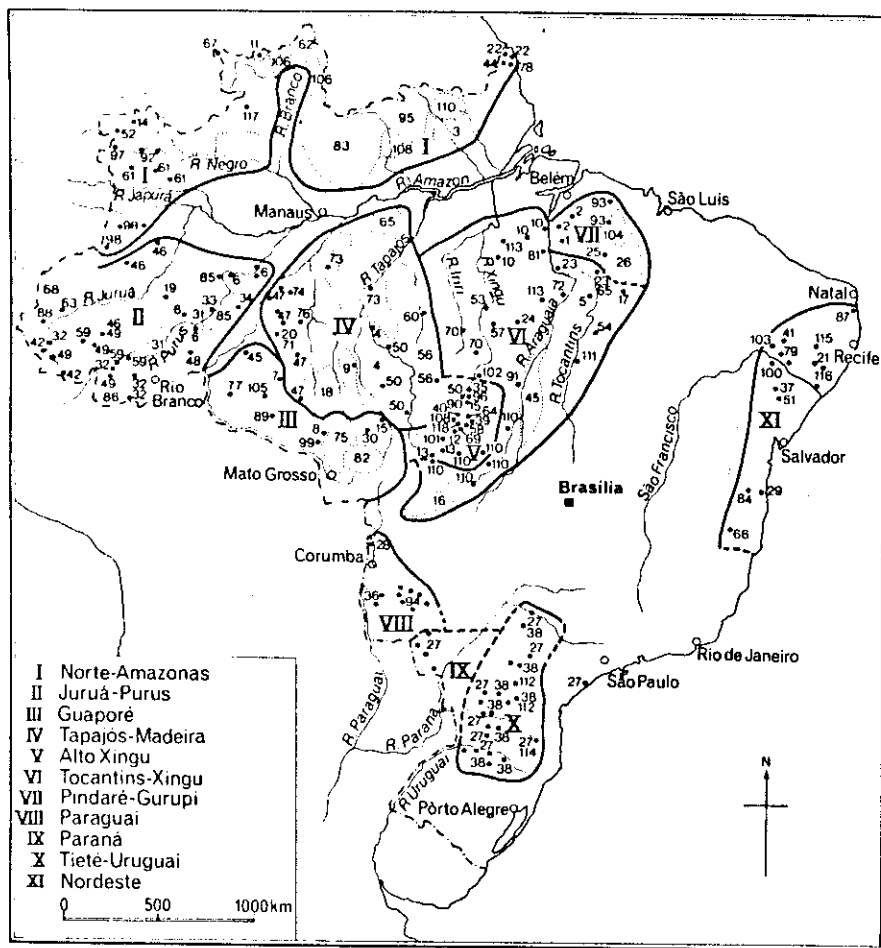
Hudson Institute (New York): o famoso plano de Herman Kahn, Great Lakes, para inundar, represar e "desenvolver" toda a região da Bacia Amazônica da América do Sul (1967)

Arnold Arboretum, Harvard University (Cambridge, Massachusetts): ampla pesquisa etnobotânica e farmacêutica entre os Wauka e outras tribos indígenas do noroeste do Brasil para potencial exploração comercial de remédios e conhecimentos nativos

Institute for Cross-Cultural Research (Washington, D. C.): uma divisão da Operations and Policy Research, Inc., que publicou a maior parte dos mapas que localizam as tribos brasileiras de índios, com referência específica às "tribos possivelmente hostis"

US Bureau of Indian Affairs (Washington, D. C.): planejamento e participação no VII Congresso Indigenista Internacional, Brasília, agosto de 1972, a maior tentativa para legitimar a política indigenista brasileira perante a comunidade internacional

(Extraído da Supysáva — novembro de 1974)



Map 2. Brazil: Indian groups and culture areas

Key to indigenous groups of Brazil:

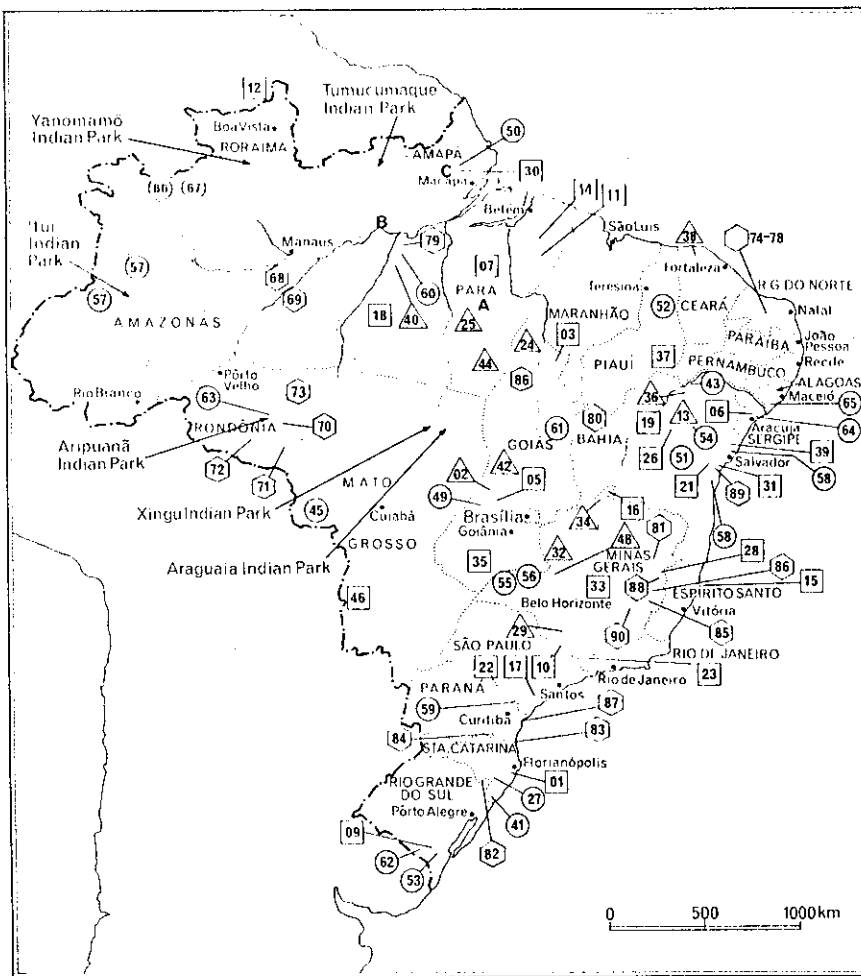
1 Amaneyé	11 Awake	21 Fulnió	31 Jamamadí
2 Anambe	12 Awéti	22 Galibí	32 Jamináwa
3 Aparai	13 Bakairi	23 Cavião	33 Jaruára
4 Apiaká	14 Baniwa	24 Gorotire	34 Júma
5 Apinayé	15 Beíço-de-Pau	25 Guajá	35 Jurúna
6 Apurinã	16 Boróro	26 Guajajára	36 Kadiwétu
7 Arara	17 Canela	27 Guarani	37 Kaimbé
8 Arikapú	18 Cinta-Larga	28 Guató	38 Kaingáng
9 Aripaktsá	19 Deni	29 Gueren	39 Kalapálo
10 Asurini	20 Diarrói	30 Irantxe	40 Kamayurá

Map 2. Key (cont.)

41 Kambiwa	61 Makú	81 Parakanán	100 Tuxá
42 Kámpa	62 Makuxi	82 Paresi	101 Txikão
43 Karajá	63 Marúbo	83 Parukotó-Xarúma	102 Txukahamae
44 Karipúna	64 Matipuhý	84 Pataxó	103 Uamué
45 Karitiãna	65 Mawé	85 Paumari	104 Urubú
46 Katukina	66 Maxakali	86 Piro	105 Urupá
47 Kawahib	67 Mayongóng	87 Potiguára	106 Wapitxana
48 Kaxarari	68 Mayoruna	88 Poyanáwa	107 Warikyana
49 Kaxináwa	69 Mehináku	89 Puruborá	108 Waurá
50 Kayabi	70 Menkranotire	90 Suyá	109 Wayána
51 Kiriri	71 Morerébi	91 Tapirapé	110 Xavante
52 Kobéwa	72 Mudjetire	92 Tariána	111 Xerénte
53 Kokraimoro	73 Mundurukú	93 Tembé	112 Xetá
54 Krahó	74 Mura	94 Terêna	113 Xikrin
55 Krikati	75 Nambikuára	95 Tiriyo-Pianokoto	114 Xoklêng
56 Kréen-Akaróre	76 Numbiai	96 Trumái	115 Xukurú
57 Kubén-Kran-Kegn	77 Pakahanova	97 Tukána	116 Xukurú-Kariri
58 Kuikúru	78 Palikúr	98 Tukuna	117 Yanomamó
59 Kulina	79 Pankarare	99 Tupari	118 Yawalapiti
60 Kuruáya	80 Pankararú		

Source: "Indigenous Groups of Brazil," in W. Dostal (ed.), *The Situation of the Indian in South America* (Geneva, 1972), pp. 434-42.





Map 4. Indians and the Amazon mining frontier  
 Source: *Engineering and Mining Journal* (November 1975), pp. 170-1.

Key: Multinational mining projects in the Amazon Basin:  
**A** *Amazonia Mineração* (iron ore, Serra dos Carajas): \$3 billion (American) project of U.S. Steel Corporation and Companhia Vale do Rio Doce to begin in 1980.  
**B** *Mineração Rio do Norte* (bauxite, Trombetas River): \$260 million project of Alcan Aluminum Company and Companhia Vale do Rio Doce to begin in 1977.  
**C** *Indústria e Comércio de Minerios* (manganese, Serra do Navio): large manganese mining and processing project of Bethlehem Steel Corporation and Cia. Auxiliar de Empresas Mineração began in 1957.

Map 4. Key (cont.): Mineral exploration projects being carried out by the mineral resources research company (CPRM):

- |  |   |  |
|--|---|--|
| <b>Finished projects</b>                                       | 34 Januária-Itacarambi (Vanadium, silver, lead) | 69 Concisa—Construção Civil e Industrial Ltda. (Cassiterite) |
| 1 Morro da Fumaça (Fluorite)                                   | 36 Curaçá (Copper)                              | 70 Progresso da Rondônia Mineração (Cassiterite)             |
| 3 Serra da Gangalha (Diamonds)                                 | 38 Apatzavel (Copper)                           | 71 Tin Brasil Mineração Ltda. (Cassiterite)                  |
| 7 Transamazônica   | 40 Itanaguan (Gypsum)                           | 72 Mineração Atacazeiros Ltda. (Cassiterite)                 |
| 5 Santa Fé (Nickel)  | 42 Canadá (Copper)                              | 73 Mineração Rio das Garças Ltda. (Cassiterite)              |
| 6 Carmópolis (Potassium, rock salt)                            | 44 Gradaus (Iron)                               | 74 Mineração Amarante (Scheelite)                            |
| 9 Bagé (Copper)  | 48 Patos de Minas (Phosphate)                   | 75 Mineração Tijuca Ltda. (Scheelite)                        |
| 10 Poços de Caldas (Molybdenum)                                | <b>Projects awaiting a decision from DNPM</b>   | 76 Mineração Acuaris (Scheelite)                             |
| 11 Paragominas (Bauxite)                                       | 27 Orleães (Coal)                               | 77 Zangarellhas Mineração Ltda. (Scheelite)                  |
| 12 Serra do Mel (Molybdenum)                                   | 41 Araranguá (Coal)                             | 78 Mineração Nordeste do Brasil Ltda. (Scheelite)            |
| 14 Rio Capim (Kaolin)  | 43 Tombador (Syenite)                           | 79 Camita SA (Rock salt)                                     |
| 15 Plat. Continental (Rock salt, potassium, sulphur)           | 45 Santa Barbara (Copper, chrome)               | 80 Serrasa—Serra do Ramalho Mineração Ltda. (Fluorite)       |
| 16 Montalvania (Silver, zinc, lead, fluorite)                  | 49 Bom Jardim (Lead, zinc)                      | 81 Operadora de Equipamentos SA (Chromite)                   |
| 17 Morro do Serrote (Phosphate)                                | 50 Ita (Silver)                                 | 82 Emp. Min. Inarui e Salomão Mineração Ltda. (Fluorite)     |
| 18 Rio Jamanxim (Silver, zinc, copper, lead)                   | 51 Ipirá (Chrome)                               | 83 Leprevost e Cia. (Gold)                                   |
| 19 Xique Xique (Lead)  | 52 Pimenteiras (Phosphate)                      | 84 Mineração Morretes (Gold)                                 |
| 21 Brasília (Copper)   | 53 Candiota (Coal)                              | 85 Minas Del Rei D. Pedro SA (Gold)                          |
| 22 Cerro Azul (Niobium)  | 54 Coite (Copper)                               | 86 Mineração Morro Velho SA (Gold)                           |
| 23 Morro Redondo (Bauxite)                                     | 55 Três Ranchos (Niobium)                       | 87 Eneel (Nickel)  |
| 26 Sacaiçaba (Chrome)  | 56 Ouvidor (Niobium)                            | 88 C. R. Almeida SA (Ilmenite)                               |
| 28 Aimores (Titanium)  | 57 Rio Jutai (Lignite, peat, saprolite)         | 89 Somicol SA (Manganese)                                    |
| 31 Itaparica (Limestone)                                       | 58 Ilheus (Phosphate)                           | 90 Cia. Bozano Simonson (Iron)                               |
| 33 Alterosa (Limestone, beryllium)                             | 59 Barra do Mendes (Nickel)                     |  |
| 35 Parauína (Phosphate)  | 60 Aveiro (Limestone)                           |  |
| 37 Massape (Vermiculite)                                       | 61 Dianópolis (Zinc)                            |  |
| 46 Corumbá (Iron)  | 62 Iruí-Butiá (Lignite)                         |  |
| 39 Araçás (Coal)   | 63 Presidente Hermes (Iron)                     |  |
| <b>Projects under way</b>                                      | 64 São Cristovão (Phosphate, limestone, gypsum) |  |
| 2 Morro do Engenho (Nickel)                                    | 65 Propriá (Phosphate)                          |  |
| 13 Andorinha (Chrome)  | 66 Uaupés (Titanium)                            |  |
| 24 Arapoema (Nickel, copper)                                   | 67 Tapuruquara (Titanium)                       |  |
| 25 São Felix do Xingu (Lead)                                   | <b>1975 projects financed through CPRM</b>      |  |
| 29 Catalão (Chrome)  | 68 Mineração Angelim SA (Cassiterite)           |  |
| 32 Chaminés Alcalinas (Phosphate, diamonds, titanium, niobium) |   |  |

## A INVASÃO DO TERRITÓRIO DOS ÍNDIOS (1)

### I. SISTEMA RODOVIÁRIO TRANSAMAZÔNICO

PRINCIPAIS RODOVIAS DO SISTEMA TRANSAMAZÔNICO	INVASÃO DE TERRAS INDÍGENAS	FINANCIAMENTO INTERNACIONAL E ASSISTÊNCIA TÉCNICA	CORPORAÇÕES MULTINAACIONAIS
Rodovia Transamazônica: estrada de 4 960km ligando o Nordeste do Brasil à fronteira peruana	Juruna, Arara, Parakanã, Asurini, Kararão	Banco Mundial: empréstimo de US\$ 400 milhões ao DNER, o maior empréstimo para rodovias da história bancária	Earth Satellite Corp./Litton Industries, Westinghouse Corp.: contratos para o projeto Radam (Radar da Amazônia) para estudos aerofotogramétricos, no valor de 7 milhões de dólares
Rodovia Belém-Brasília: indo do norte para o sul pela margem oriental do rio Amazonas	Gavião, Krahó, Apinayé, Xavante, Xerente	Export-Import Bank: empréstimo de US\$ 3.898,350 à Camargo Correia, a maior cia. construtora do Brasil, para compra de equipamento	Caterpillar Brasil: venda de 770 peças de maquinaria no valor de US\$ 47 milhões para a engenharia do Exército brasileiro e sete companhias particulares construindo estradas na Amazônia
Rodovia Santarém-Cuiabá: indo de norte a sul, através do Brasil centro-ocidental	Parque Nacional do Xingu, Kreen-Akarore (Estrada BR-080)	USAID: doação de US\$ 8,4 milhões para treinamento no uso de dados na central do Earth Resources Observation, em Sioux Falls, Dakota do Sul	Komatsu (Japão), Fiat (Itália), General Motors, J. I. Case, Clark Equipment, Eaton Corp., Wabco, Huber-Warco (EUA): e outras companhias estrangeiras com equipamento de tratores no valor de US\$ 125 milhões
Rodovia Perimetral do Norte: estrada de 4 mil km margeando os limites do norte entre Brasil e Guiana, Surinã, Venezuela, Colômbia e Peru	Parque Indígena de Tumucumaque, Waimiri-atroari, Parque Indígena Yanomami, Parque Indígena Atalaia do Norte		
Rodovia Porto Velho-Cuiabá: estrada principal através de Mato Grosso e Rondônia	Parque Indígena de Aripuanã		

## A INVASÃO DO TERRITÓRIO DOS ÍNDIOS (2)

### II. SETOR DE MINERAÇÃO

MINERAL E AREA DE EXPLORAÇÃO	INVASÃO DE TERRAS INDÍGENAS	CORPORAÇÕES MULTINAACIONAIS NA ÁREA	FINANCIAMENTO INTERNACIONAL E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Minério de ferro: serra dos Carajás, Pará	Xicrin-Caiapó, nordeste do Parque Nacional do Xingu	Amazonas Mineração: associação da empresa estatal Vale do Rio Doce com a United States Steel	Export-Import Bank: empréstimo de US\$ 5,5 milhões à ICOMI para a usina de pelotização do manganês da serra do Navio
Manganês: serra do Navio, território do Amapá	Sul de Palikur, Karipuna, Galibi-Marwôrno	Indústria e Comércio de Minérios: associação da CAEMI de Antunes e da Bethlehem Steel	Overseas Private Investment Corporation (EUA): seguro para os investimentos da Alcoa, W. R. Grace e Hanna Mining
Bauxita: concessão ao longo do rio Trombetas, Pará	Parque Indígena Tumucumaque, Pianokoto-Tirió, Warikyana-Arikiéna, Parukoto-Charúma	ALCOA, ALCAN (braço canadense da ALCOA), Nippon Steel (Japão), Kaiser Aluminum, National Bulk Carriers, Pechiney, Alusuisse, Rio Tinto Zinc, Hanna Mining	Earth Satellite Corporation (EUA): pesquisas minerais do Projeto Radam na Bacia Amazônica, para o governo brasileiro e empresas privadas
Cassiterita ou estanho: concessões no território de Rondônia	Parque Indígena Aripuanã, Cintalargas, Suruí	Cia. de Mineração Ferro União; Billiton/Royal Dutch Shell Cia. Estanifera do Brasil: W. R. Grace/Patiño Cia. Brasileira de Metalurgia; Rockefeller-Moreira Salles/Molybdenum Corp. Mineração Aracazeiro: Itaú/National Lead Industries/Portland Cement	US Geological Survey: 21 projetos de exploração mineral e geológica em colaboração com o Departamento de Pesquisa Mineral (DNPM) e a empresa estatal Centro de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), sob patrocínio do governo brasileiro e da USAID

III. O SETOR DE NEGÓCIOS AGRÍCOLAS

CORPORAÇÃO AGRÍCOLA	SUPERFÍCIE	INVASÃO DE TERRAS INDÍGENAS	FINANCIAMENTO INTERNACIONAL E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Jari Florestal e Agropecuária: D. Keith Ludwig National Bulk Carriers	Fazenda e rancho de 60 mil hectares ao longo dos rios Pará e Jari, território do Amapá	9 aldeias Apalaí (Aparai) ao norte e a oeste	Banco Mundial: empréstimo de US\$ 60 milhões para melhoramento da indústria de criação de gado (1974), dois empréstimos anteriores de US\$ 70 milhões para produção de carne (1967, 1972)
Swift-Armour-King Ranch: fusões e compras recentes pela Deltec International Packers Ltd. e Brascan	Fazenda de gado de 72 mil hectares em Paragominas, nos limites do Pará com Maranhão	Reservas indígenas Tembe/Urubu-Kaapor	
Volkswagen do Brasil	Fazenda de gado de 22.400 hectares no Araguaia, Pará	Várias tribos Caiapós do norte	USAID: empréstimo de US\$ 11,9 milhões ao Instituto de Desenvolvimento Regional do Amapá, para pesquisa em agricultura e criação de gado
Fazenda Suiá-Missu, de propriedade da Liguigás (Itália)	Fazenda de gado de 560 mil hectares paralela ao rio Suiá-Missu, no nordeste de Mato Grosso	Parque Nacional do Xingu (norte) Xavante (sul e leste)	USAID: empréstimo de US\$ 32 milhões para o Instituto Internacional de Pesquisa (parcialmente financiado pela Fundação Rockefeller) para estudo da produção de arroz tropical na Amazônia
66 companhias de terra e gado em S. Paulo: área de grandes propriedades rurais de Stanley Amos Sellig (empresário norte-americano de imóveis)	Municípios de Barra do Garças e Luciara, Mato Grosso	Tariparê, Parque Indígena do Araguaia, 5 reservas xavantes	Blue Spruce International e International Research Institute: projeto para vender o herbicida 2,4,5-T (Agente Laranja) ao governo brasileiro, para desflorestamento da Amazônia

IV. O SETOR EXTRATIVO: BORRACHA E MADEIRA

SITUAÇÃO	SITUAÇÃO DAS TRIBOS INDÍGENAS
<p><b>A. BORRACHA</b> (surto: 1890-1910/decadência: de 1910 até hoje, com curta expansão durante a II Guerra Mundial)</p> <p>Companhia da Amazônia Peruana: empresa britânica de borracha que dominava a maior parte da fronteira noroeste do Brasil, durante os anos do surto</p> <p>Estrada de Ferro Madeira-Mamoré: estrada de ferro de 500 km construída pelo coronel George Earl Church, empresário e engenheiro de estradas de ferro da Nova Inglaterra, entre Porto Velho e Guajará-Mirim, terminada em 1912</p> <p>Fordlândia: plantação de borracha de 1 milhão de hectares, fundada por Henry Ford em 1927, no rio Tapajós, ao norte e ao sul de Santarém</p>	<p>Assassinato e escravidão de 30 mil indígenas que viviam nas selvas do Brasil, Colômbia, Bolívia e Peru</p> <p>Extermínio de 41 nações indígenas na área entre o Juruá e Purus, no território do Acre</p> <p>Extermínio das nações Tupi-Kawahib na área entre os rios Tapajós e Madeira</p>
<p><b>B. MADEIRA</b> (a maior parte das invasões foi feita pelas companhias estrangeiras de 1965 para cá)</p> <p>Companhia Amazonas Madeiras e Laminados: operação Georgia-Pacific, de 186 mil hectares, em Portel, Pará</p> <p>Madeiras Finas do Brasil Ltda.: empresa de propriedade da Gilbert Imported Hardwoods, de Belém (192 km)</p> <p>Madeiras Gerais da Amazônia: empresa de propriedade de Robin Hollis McGlohn</p> <p>Bramasa: empresa de Bruynzeel (holandesa) em Porto Santana, Amapá</p> <p>Superlinas Madeiras Ltda.: empresa da Toyomenka (Japão), no estreito de Breves, na embocadura do Amazonas</p> <p>Jari Florestal e Agropecuária: projeto de US\$ 300 milhões de D. K. Ludwig National Bulk Carriers</p> <p>Madeiras Tropicais Ltda.: empresa de propriedade da Beau Murphy (Atlanta, Geórgia), em Porto Santana, Amapá</p>	<p>Grande ameaça para as 94 nações indígenas que sobram, num total de mais de 6 mil pessoas, que vivem na região amazônica</p>